

WEB 2.0 E CIBERATIVISMO: O PODER DAS REDES NA DIFUSÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS

Iara Gabriela Faleiro DINIZ³⁰
Maurício CALEIRO³¹

RESUMO: O artigo em tela examina o papel específico que o desenvolvimento da web 2.0 e de sua capacidade interativa acabaram por desempenhar na irrupção e a difusão de diversas modalidades de ciberativismo na rede, as quais, contrariando diagnósticos pós-frankfurteanos, a utilizam de forma crescente para a dinamização dos movimentos sociais. Estudo de caso exemplar de tais processos, o canal da rainha Rânia da Jordânia no *youtube* é examinado face ao ativismo anti-Orientalismo que exerce.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberativismo. Web 2.0. Ciberespaço. Movimentos sociais.

Abstract: This article examines the particular role that the developing of the web 2.0 and its interactive possibilities have developed in the irruption and difusion of several modalities of cyberactivism in the web. Contradicting some pós-Frankfurter diagnosis, activists have frequently used it for the improvement of social mobilization. Notorious case study in such subject, Jordan's Queen Rania's *youtube* channel is analyzed taking into account the anti-Orientalist activism which exercises.

KEYWORDS: Cyberactivism. Web 2.0. Cyberspace. Social Movements.

1. Introdução

O avanço das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTCIs), no marco da passagem da era da comunicação em massa para a da comunicação em rede, como sugere Dênis de Moraes (2010), permite possível observar, através da morfologia da sociedade

³⁰ Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Email: iara.diniz@ufv.br

³¹ Professor de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCom/UFF). Email: mauricio_m_caleiro@yahoo.com.br

contemporânea e notadamente através da internet, as transformações decorrentes tanto no âmbito da tecnologia informacional quanto social.

Por meio da incorporação, por esse novo modelo, de características e de funções antes impraticáveis nos meios midiáticos tradicionais, ultrapassaríamos a sociedade de massa para encontrarmos-nos numa nova arena social, que permite a interatividade entre as pessoas e a “globalização da comunicação ao nível espacial global e também a nível local” (CARDOSO, 2010, p.36).

Os avanços das NTICs e o crescimento exponencial da rede das redes acabam por configurar uma nova finalidade do espaço digital, que vai além da produção de conhecimento, proporcionando o exercício da democracia participativa (ainda que no mais das vezes não institucionalizada) através da formação e atuação de movimentos sociais. Utilizado de maneira progressiva por ONGs e por cidadãos comuns, o ciberativismo é, por excelência, um meio precípuo de fomentar o exercício da cidadania na rede e de pressionar governos e corporações a promoverem ações a partir de vozes atomizadas que se somam acerca de um interesse comum, geralmente causas de cunho social, político ou ambiental.

2. Ciberativismo e suas implicações

Com o crescimento das Novas Tecnologias de Informação, principalmente a Internet, surgiram, no ciberespaço, novos formatos de movimentos e ações políticas, que articula e organizam estratégias e alianças pela formação de um coletivo social:

O ativismo digital trata-se de uma nova forma de ação política; uma maneira de fazer política através de suportes cibernéticos; buscando a veiculação de um ideal através de uma mídia de grande alcance, é o ativismo contemporâneo praticado em rede, através da internet (STRESSER, 2010, p. 2).

O ciberativismo pode ser visto como uma forma alternativa ao monopólio exercido pelos meios de comunicação de massa e ao controle sócio-discursivo que, segundo determinadas correntes, alegadamente exercem. Os ativistas encontram na web 2.0 um instrumento democrático, potencialmente expansivo e rizomático, capaz de açular debates na rede, de temas passíveis de cerceamento na mídia corporativa e de outros já abordados pelos meios de comunicação de massa tradicionais, porém, sem a rigidez de controles ou filtros na informação por estes apresentada. Multiplicada pela capacidade exponencial da interatividade, a comunicação pró-ativa passa a ser, ressignificada na sociedade virtual contemporânea.

Além de estar no âmago de tal fenômeno, a Internet rompe as barreiras de espaço e tempo através do complexo sistema da Comunicação Mediada por Computadores (CMC), originada nesse novo âmbito digital. Por ligar os indivíduos através da transmissão de dados em uma rede de computadores, a CMC possibilita que se estabeleçam no ciberespaço relações sociais, assim como um acesso mais rápido e amplo a informações. Neste contexto, o uso do computador como um meio de comunicação torna-se uma realidade nas sociedades atuais – ainda que as laudações ao novo sistema devam ser matizadas ante o enorme contingente de excluídos digitais. Tal utilização se dá em virtude da alteração de sua finalidade (Segundo Rheingold, o computador foi concebido para auxiliar o ser humano em cálculos complexos), assim como a da rede, (antes prioritariamente meio de transmissão de dados e não de mensagens entre pessoas) a fim de atender as necessidades do ser humano.

A essa reformulação do papel do computador, ao lhe ser incorporada a internet, aplica-se a “Lei das Consequências Não Previstas”, elaborada pelo filósofo inglês Karl Popper e presente em sua Teoria dos Três Mundos (PAVELOSKI, 2004). Apoiando-se no conceito de que a “interação nunca é o efeito” ($i \neq e$), Popper nos remete ao fato de que quando os nossos produtos (Internet e suas manifestações) são expostos ao mundo, eles passam a se reger, se governam por leis próprias, independente da intenção e da finalidade que para eles foi proposta. Ostrowiak reforça essa ideia ao dizer “as criações humanas não são propriedade de quem as descobre ou inventa, mas sim, são propriedades de si mesma” (OSTROWIAK, 2000, p.152 *apud* PAVELOSKI, 2004, p.5). Podemos então notar, que não só a Internet, mas também o computador regeram-se, alterando a função que lhes foi dada em suas construções. Percebe-se com isso, a influência das pessoas no que se refere à adaptação do computador para a interação social. A necessidade da comunicação deu a essa tecnologia uma outra finalidade, originando através disso, diversas modalidades de CMC e maneiras diferentes de se usá-la.

3. O poder da web 2.0

O advento da Web 2.0 modifica a forma da distribuição da informação, diluindo a separação” entre produção, edição e difusão. Antes restritas a alguns funcionários, nos meios de comunicação de massa, tais atividades se atomizam e são potencialmente disponibilizadas ao alcance de todos. Na web 2.0, o poder é distribuído e os processos de seleção/filtragem e eventualmente censura da informação agora não estão representados por uma autoridade estatal ou pela figura do editor/*gatekeeper*, mas na arquitetura inerente a cada ambiente virtual

e, ao final do circuito, em cada indivíduo: “A rede proporciona que vozes autônomas se pronunciem, sem passar por nenhum tipo de filtro. Nem partidos, nem editores, nada” (LEMOS, 2006 *apud* MILHOMENS; TAVARES, 2009, p.7).

A rede permite, com isso, o estabelecimento de relações inter-usuários que valorizam cada vez mais a participação dos indivíduos no meio digital e açulam a interatividade. Por meio dela, é produzido um poder coletivo, diálogos em torno de interesses comuns, e ações cooperativas. E é nessa cooperação, nesse coletivo, que se foca a Web 2.0, num processo de construção da democratização dos meios de comunicação.

Possuindo também como característica a descentralização - pela multiplicação dos emissores e da disponibilização de informações a todos em “tempo real” - a Internet fornece a base material para movimentos sociais no engajamento da produção de uma nova sociedade. Dando uma nova dinâmica a ideologias já questionadas antes mesmo do seu advento, a rede expande manifestações contra os efeitos da globalização e do neoliberalismo, expressando descontentamentos através da promoção de ações coletivas.

Diante da formação no espaço virtual dessas ações coletivas, os usuários têm reorganizado movimentos sociais de alcance global por meio da transferência de dados como textos, imagens, sons e da utilização de ferramentas que tornam possíveis uma maior divulgação das campanhas, tornando as mobilizações mais eficazes. Tentando superar o poder de redes globais com movimentos contra hegemônicos, os ciberativistas por meio da Internet e do ciberespaço, visam à reconstrução do mundo a partir de baixo (ROSAS, 2008).

4. Classificação do ciberativismo

Definindo ciberativismo como “a utilização da Internet por movimentos politicamente motivados” (VEGH, 2003, p.71 *apud* RIGITANO, 2003, p. 3), Sandor Vegh apresenta uma classificação da atividade de acordo com seus objetivos e funções. O primeiro tipo tem como objetivo a conscientização e apoio para determinadas causas através da difusão de informações pela internet. A internet, nessa primeira categoria, funciona como uma fonte de informação alternativa, utilizada pela maioria das ONGs ativistas. Através dessa difusão, pessoas em diferentes locais tomam conhecimento de problemas até então desconhecidos, e passam a apoiar causas e até mesmo se mobilizam acerca de alguma questão.

A partir da obtenção de informações, através de visitas a sites, inscrição em listas de discussão ou participação de fóruns, pessoas de diferentes localidades podem entrar em contato com realidades até então desconhecidas, se sensibilizar, apoiar causas e

até se mobilizar em prol de alguma organização, participando de ações e protestos on-line e off-line (VEGH, 2003, p.73 *apud* RIGITANO, 2003, p.3)

O segundo tipo de ciberativismo utiliza a Internet para organização e mobilização de uma ação. Segundo Vegh, existem três formas de mobilizações a partir das redes:

1) Inclui convidar os usuários para ações *off-line*. A mobilização é feita a partir do envio de e-mails com a disponibilização de informações de movimentos, com data, local e horário, como chegar, além de dicas de comportamento durante a manifestação. Um dos primeiros movimentos que utilizaram a internet para mobilização, os protestos anti-globalização em Seattle, são os maiores exemplos dessa primeira forma, quando pessoas por meios on-line foram contatadas para ações *off-line*

2) Aplica-se ao uso da Internet para ações on-line, que normalmente acontecem *off-line*, mas que seriam mais eficientes da primeira forma. Exemplos disso são mobilizações para o envio de e-mails a autoridades como forma de protesto e abaixo assinados on-line.

3) Por fim, a terceira forma se aplica a organizações e mobilizações de pessoas para ações que só podem ser realizadas *on-line*, como por exemplo o envio de spams e campanhas de ajuda com cliques para a arrecadação de fundos para projetos ou mesmo como uma ação. O projeto Clickarvore, que será analisado nesse mesmo artigo é um exemplo dessa terceira forma de mobilização presente no segundo tipo de ciberativismo.

O terceiro e último tipo de ciberativismo classificado por Vegh, tem por objetivo uma ação/reação, através do “hacktivismo”, designação que se refere a um leque de atividades que cobre desde a invasão e congestionamento de sites até crimes virtuais e ciberterrorismo, sendo a forma mais radical de ciberativismo.

5. As vantagens da rede e suas principais alterações

O ciberativismo encontra dispositivos diversos e inovadores para dinamizar seus movimentos na esfera pública, pois, como observa Thiago Franz, “A Internet e o ativismo refletem-se um no outro” (2009, s/p). Novas ferramentas surgiram na *web* para dar suporte ao

ativismo digital, como salas de bate-papo, blogs (especialmente) e redes sociais. Nessas ferramentas é possível identificar as características fundamentais da sociedade em rede, que tornaram possível a expansão de mobilizações e a aceleração das formas pela qual são tratados os problemas.

Na perspectiva de forjar uma vida planetária e em tempo real, a rede procura abolir obstáculos espaciais e temporais, desterritorializando e desmaterializando. Nesse novo formato da realidade, a Internet não se restringe a um território, tem alcance global e em tempo real; sua desmaterialização garante instantaneidade e velocidade, constituindo uma nova dimensão, da supressão do tempo e espaço pela transmissão do que é real, mas não está próximo, a “telerrealidade” (RUBIM, 2000).

A telerrealidade aparece como nova formatação da realidade, possibilitada agora por espaços e tempos integrados em rede eletrônica e associada às noções de desterritorialização, globalidade, distância, espaço planetário, desmaterialização, não presencialidade, (tele) vivência e tempo real. (RUBIM, 2000, p.33).

Com a formação de novas relações de tempo e espaço, manifestações em diferentes momentos e locais são produzidas sem ser necessário estar preso a estes. O que ocorre é um deslocamento do usuário no espaço virtual sem se movimentar no espaço geográfico. Podemos estar em vários lugares ao mesmo tempo, propiciando níveis de interatividade e simulações da realidade, decorrentes dessa desvinculação do meio físico. “A flexibilidade e o rompimento da barreira espaço/tempo transformam o espaço em fluxos e o tempo em atemporal”, sendo as principais vantagens da web para o ciberativismo, a abrangência ilimitada e a velocidade na transmissão de informação (CASTELLS, 2003).

Ao analisar ainda, a incidência dessa nova comunicação na contemporaneidade, Rubim a retratou como “composta e perpassada por marcas fabricadas pelas mídias, tais como o espaço eletrônico, a televivência e a globalização” (RUBIM, 2000, p.31). O autor apresenta cada uma dessas “marcas” como sendo características da comunicação em rede. O espaço eletrônico é descrito como um espaço sem território, produzido pela Internet, desmaterializado, expandido e atualizado pelas navegações virtuais. A televivência presente não somente na rede, como também na televisão, apresenta-se como a vivência à distância, sem apego ao lugar, possibilitando-nos vivenciar o ausente em tempo real. E por último, a globalização é descrita como a transformação da produção da comunicação, deixando de ser

em âmbito local para irradiar-se globalmente. Ocorre um processo de “hibridação”, convergência dos fluxos locais e globais para formação de algo “glocal”.

Desse novo conceito da noção de glocalidade, surge mais uma característica da Internet apropriada pelos ciberativistas, “justamente na tentativa de captar a complexidade dos processos atuais” (CANEVACCI, 1996, *apud* RUBIM, 2000, p.32). O que antes restringia-se a um território, globaliza-se com a rede, tendo uma visibilidade global. Assim, é possível que movimentos ativistas atinjam lugares nunca antes pensados, pois propiciam as pessoas se mobilizar acerca de uma questão distante delas fisicamente, mas que é tornada próximo por meio dessa globalização da comunicação. Embora os ciberativistas possam se “formar em torno de objetivos estritamente locais e específicos”, em sua maior parte ligam-se a causas transnacionais, como a preservação do meio ambiente, por exemplo (RIGITANO, 2003, p. 2).

Ao disponibilizar causas locais a um âmbito global, as novas tecnologias permitem a interação em rede de seus integrantes e quebram o modelo em que a comunicação é transmitida de modo unidirecional, adotando o modelo “todos-todos”, em que todos fazem parte do envio e recebimento de informações. Qualquer pessoa no ciberespaço pode produzir conteúdo e transmiti-lo, bem como consumir o que os outros produzem, sem filtros. Hoje, todos somos produtores de conteúdos. O que antes era restrito a poucos (grandes meios de comunicação), se universaliza por meio da Internet e favorece a prática ativista. O ciberativista pode rapidamente disponibilizar informações, imagens, áudios na rede, atingindo seu público e dando vazão a conteúdos muitas vezes não divulgados pelos meios de comunicação de massa. Esta nova configuração emissor/receptor relaciona-se com a “Segunda Lei da Cibercultura” defendida por André Lemos. Nesta lei, é exposto que com a liberação do pólo de emissão, há uma movimentação social na rede, “emergência de vozes e discursos anteriormente reprimidos pelos *mass media*” (LEMOS, 2003, p. 2). O surgimento de novas modalidades midiáticas (blogs, comunidades virtuais, *emails*, *sites*) que transformam o usuário em produtor e difusor de conteúdo, favorece assim, a dinamização do ativismo, já que “o capital não consegue controlar os fluxos de informação, nem determinar as audiências” (SILVEIRA, 2008, p.34).

Com esta nova configuração das relações emissor/receptor, a Internet transforma a situação comunicacional. O esquema de uma comunicação unilateral proposto por Laswell, em que o receptor apenas recebe a informação sem interferir nela, é quebrantado pela plurilateralidade da rede, que permite um alto grau de interatividade entre os indivíduos. Essa interação baseia-se na criação coletiva e no compartilhamento de conteúdo entre usuários da

internet, através de mídias sociais que permitem publicação de vídeos, textos e a conexão com outras pessoas. Esse novo esquema de comunicação plurilateral favorece a “criação de comunidades virtuais, que reúne pessoas on-line ao redor de valores e interesses em comum” (CASTELLS, 2003, p. 442). Verdadeiras “tribos cibernéticas” são formadas pelo compartilhamento de uma afinidade ideológica, surgindo assim, a maioria dos núcleos ciberativistas (RIVELLO; PIMENTA, 2008). Tomando parte de uma mesma causa, os ativistas on-line fazem da internet seu maior instrumento, enviando informações uns para os outros de forma instantânea, produzindo conteúdos contra-hegemônicos com uma ampla divulgação e mobilizando um número cada vez maior de usuários em favor de suas causas.

Na sociedade das redes, o associativismo localizado ou localizado ou ainda, os movimentos sociais de bases locais, percebem cada vez mais a necessidade de se articular com outros grupos com a mesma identidade social ou política, a fim de ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera pública e obter conquistas para a cidadania (WARREN, 2006, p.113 *apud* RIVELLO; PIMENTA, 2008, p.8).

Ocorre assim, no ciberativismo, um verdadeiro *feedback*, em tempo real. O receptor torna-se emissor, ocorrendo uma inversão de papéis, antes estático. A partir da interação entre as pessoas, uma retroalimentação é ocasionada, tornando possível que qualquer usuário comente uma informação transmitida na rede e a envie de volta ao emissor. Sem esse processo, os movimentos ciberativistas seriam impossibilitados, pois baseiam-se na interação de pessoas em diversas partes do mundo através da Internet para a organização de mobilizações, disseminação de conteúdos e troca de ideias homogêneas.

6. Redes sociais e ideologias: a rainha Rânia da Jordânia no *youtube*

Nesse admirável mundo novo cibernético, uma das questões cruciais que se coloca aos ciberativistas é, dentre tantas ferramentas tecnológicas e modalidades de inserção interativas, qual escolher. As redes sociais, embora elas próprias apresentando grande variedade entre si, têm recebido especial atenção, notadamente pela empatia e engajamento que, muitas vezes, tendem a despertar no internauta:

Esta forte ligação se deve ao fato que o público-alvo destas redes de relacionamento é, em síntese, muito similar ao da militância ciberativista. Em redes sociais o ciberativista encontra já classificados por faixa etária, sexo, localização geográfica, preferências, e etc. os simpatizantes de causas e objetivos comuns aos seus (STRESSER, 2010, p.8).

Criadas com o objetivo de manter grupos conectados, as redes de relacionamento tem um alcance global e dão suporte ao ativismo digital por apresentar dispositivos inovadores para a propagação de ideias. Na seara audiovisual, uma das principais mídias sociais da atualidade é o *site* de postagens de vídeos *youtube*. Com seu alto poder de difusão, tem se tornado um forte aliado do ciberativismo e uma ferramenta de propaganda de grande alcance. Por apresentar técnicas de compartilhamento, entre outras vantagens, a repercussão de um vídeo postado nessa mídia social é expressiva, tendo o *site* atingido a marca de 24 horas de vídeos postados a cada minuto.³² Um dos melhores e mais recentes exemplos da utilização do *youtube* como plataforma global para alcançar mudanças sociais positivas é o portal criado pela rainha da Jordânia, Rânia³³. Considerada uma das mulheres mais influentes do mundo (notadamente após assumir uma posição de liderança no Oriente Médio, em parte devido ao sucesso da empreitada virtual), Rânia mostrou estar inteirada com as novas tecnologias ao criar seu próprio canal no *youtube*.

Em meio a um cenário mundial marcado pelo acirramento de fundamentalismos, o objetivo primordial da primeira-dama da Jordânia foi justamente difundir uma imagem do Oriente Médio que o desassociasse dos estereótipos conectados ao extremismo religioso e ao terrorismo, componentes recorrentes da forma deletéria com que o mundo árabe é, no mais das vezes, encarado pelo Ocidente. Para contradizer as vicissitudes do que Edward Said chamou de *Orientalismo* – consubstanciado na recusa em conceber o sujeito árabe pelo que ele é e faz, mas por uma projeção do que se pensa/teme que ele seja e faça, recusando-lhe a alteridade – a rainha Rânia criou um canal no *youtube* o qual acabou mundialmente famoso e premiado. O canal, que manteve-se por dois anos entre os mais vistos do *youtube*, promove interação entre pessoas de diferentes locais, crenças e idiomas, interessadas no modo de vida e na cultura muçulmana. De um início no qual a rainha limitava-se a responder perguntas enviadas pelos internautas, o canal passou a postar vídeos elaborados por sua equipe, alguns dos quais visando desfazer mitos sobre as sociedades muçulmanas: um comediante stand-up cujo tema principal é a visão preconceituosa do Ocidente em relação ao mundo árabe, a rotina de uma mulher piloto de jato comercial, vídeos de adolescentes ilustrando seus prazeres

³² Disponível em: <http://www.geekaco.com/youtube-recebe-24-horas-de-video-a-cada-minuto> Acessado em 4 de abril de 2011.

³³ Portal do site: <http://www.youtube.com/queenrania#p/a>

noturnos são exemplos de abordagens que contradizem ou relativizam a imagem, recorrente, de uma cultura extremamente repressora e conservadora.

Na maioria dos vídeos, é solicitado que os espectadores dêem suas opiniões sobre o Oriente Médio e falem das imagens que projetam sobre este. Os comentários não só não são censurados – o que acaba por “poluir” a área de comentários de abomináveis manifestações racistas – como são, eventualmente, respondidos, com um novo vídeo.

Com cerca de 3 milhões de visualizações e mais de 43 mil comentários de usuários do mundo inteiro³⁴, o que diferencia o portal de Rânia de outros é a tentativa de promover um franco diálogo multicultural em âmbito global. A repercussão tem sido tão grande que foi feito um documentário sobre a empreitada, intitulado *Rânia, a rainha do youtube (Rania: The YouTube Queen*, Beth Jones, Inglaterra, 2008), no qual setores do movimento feminista angloamericano reconhecem o papel altamente positivo da iniciativa.

Como evidencia o formato de ativismo priorizado pelo canal de Rânia – em que predominam, na fase pré-divulgação, o retórico e audiovisual convencional -, o poder do ativismo não está apenas nas ferramentas cibernéticas e redes sociais que despontaram com o advento da Internet, mas na unificação destas com outras pré-existentes na materialidade do espaço físico.

Notamos que o mundo virtual começa a materializar o que é tramado no ciberespaço, atingindo de forma cada vez mais incisiva a sociedade, promovendo a união de pessoas de diferentes raças e culturas em prol de uma causa comum (STRESSER, 2010, p.18).

7. Considerações finais

O advento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, em especial a Internet, tornou possível novas formas de ativismo e possibilitou ferramentas eficazes para esses movimentos sociais. A incorporação das redes para as mobilizações ativistas contribuiu para a expansão de suas causas e uma melhor articulação delas, desencadeando movimentos contra-hegemônicos cada vez mais numerosos. A interatividade proporcionada no ciberespaço fortalece o ativismo online por romper as barreiras do espaço e do tempo e alterar a configuração emissor/receptor presente nos meios de comunicação de massa.

A estrutura no espaço digital torna possível a produção de informação, assim como o seu consumo por qualquer usuário sem qualquer tipo de controle ou hierarquia, manifestando-

³⁴ Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI23977-9531,00-RANIA+DA+JORDANIA+E+A+RAINHA+DO+YOUTUBE.html> Acessado em 4 de abril de 2011.

se dessa maneira, como um meio de estabelecimento da democracia e do ciberativismo. Nota-se também, a proliferação dos coletivos sociais voltados em torno de um interesse comum, constituindo grupos identitários nas redes sociais, uma outra grande aliada do ativismo. O uso das redes de relacionamento como ferramentas de propagação de movimentos tem sido eficaz na articulação de mobilizações e no incentivo a pessoas comuns a colaborarem em ações na sociedade civil. O poder destas redes, como observamos, manifesta-se muitas vezes na materialização de campanhas no espaço real, os chamados *Flash Mobs*, que caracterizam-se por ser uma integração de ferramentas do espaço virtual com o espaço físico, idealizados no primeiro e concretizados no segundo. Entretanto, há ainda campanhas ciberativistas que só podem ser realizadas pela mobilização no ciberespaço, que é o caso do programa de reflorestamento através de um clique analisado durante o artigo, o Clickarvore.

É notável ainda o surgimento da blogosfera como um dos grandes dispositivos ciberativistas, por constituir-se como um meio da comunicação distribuída capaz de reunir todas as vantagens provenientes das novas tecnologias.

O baixo custo da Internet, a abrangência global que possui e a capacidade de mobilizar usuários de forma instantânea tem sido algumas das várias vantagens usufruídas pelos ciberativistas em suas ações. Contudo, apesar dessas ferramentas, as suas aplicações em movimentos sociais ainda se encontram em uma etapa inicial. Considerando a dificuldade de conexão em muitos países do mundo e a preponderância da exclusão digital, há ainda um longo caminho pelo qual o ciberativismo percorrerá, alcançando pessoas e lugares muito mais do que agora e firmando-se como um movimento vital para a construção da cidadania mundial.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Gustavo. Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade de informação. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Mutações do Visível: da comunicação em massa à comunicação em rede**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010, p. 23-44.

CASTELLS, Manuel. A era da intercomunicação. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Disponível: <http://diplo.uol.com.br/2006-08,a1379>. Acessado em 21 de outubro de 2010.

_____. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FRANZ, THIAGO. Ativismo político- social. **Neoiluminismo**. Disponível em: <http://neoiluminismo.wordpress.com>. Acessado em 11 de outubro de 2010.

GABRICH, Débora. Comparação entre Produtores de Informação em defesa da Amazônia na Internet. In: **XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2007, Santos.

GUIMARÃES, Renato. Como usar as mídias sociais para gerar transformação imediata? **Sustenta News**. Disponível em: <http://sustentanews.wordpress.com/2010/07/06/como-usar-as-midias-sociais-para-gerar-transformacao-imediata-caso-greenpeace-x-nestle-traz-interessantes-pistas> Acessado em 13 de outubro de 2010.

LEMOS, André. Ciber-cultura-remix. In: **Seminário Sentidos e Processos**, 2005, São Paulo.

_____. **Cibercultura**: Alguns pontos para compreender a nossa época. In: CUNHA, Paulo; LEMOS, André (orgs). Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 11-23.

MILHOMENS, Lucas; TAVARES, Olga. Mídia digital e Ciberativismo na divulgação de fatos sobre a Reforma Agrária e o MST. In: **XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2009, Curitiba.

_____. O ativismo digital. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>. Acessado em 11 de outubro de 2010.

PAVELOSKI, Alessandro. Subsídios para uma Teoria da Comunicação digital. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**. Disponível em : <http://www.bocc.ubi.pt/pag/paveloski-alessandro-teoria-comunicacao-digital.html>. Acessado em 13 de outubro de 2010.

RUBIM, Antonio. A contemporaneidade como Idade Mídia. **Comunicação, Saúde, Educação**, v.4, n.7, p.25-36, agosto. 2000.

SAID, Edward. **Orientalism**. 13^a. ed. New York: Vintage, 1994.

SCHIECK, Mônica. Ciberativismo: um olhar sobre as petições online. In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. BOCC, 2008, ISSN 1646-3137. Disponível em www.bocc.uff.br/pag/schieck-monica-ciberativismo.pdf.

SILVEIRA, Sergio. Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. In:

AMADEU, Sergio; PRETTO, Nelson (org.). **Além das redes de colaboração**. Salvador, 2008, p. 31-50.

SPINARD, Leonardo. Greenpeace e Nestlé protagonizam o duelo da vez nas redes sociais. **DNA Digital**. Disponível em: <http://dnadigital.com.br/greenpeace-e-nestle-protagonizam-o-duelo-da-vez-nas-redes-sociais>. Acessado em 13 de outubro de 2010.

STRESSER, Ronald. Ciberativismo – A política 2.0. **Dissertação** – Pós Graduação em Mídias Digitais da Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2010.

TOLEDO, Giuliana. Os destaques de 2009. **Admirável mundo virtual**. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/admiravelmundovirtual/2009/12>. Acessado em 10 de outubro de 2010.

UGARTE, David. **O poder das redes**. Trad. Glenda Àvila. Porto Alegre: EDIPUCRS , 2008.

Páginas eletrônicas consultadas:

Greenpeace Brasil: <http://www.greenpeace.org/brasil>

Notícias globo.com: <http://gnt.globo.com/gntdoc/Noticias/GNT-exibe-documentario-sobre-a-rainha-do-YouTube.shtml>

Notícias CARAS: <http://aeiou.caras.pt/rania-da-jordania-uma-rainha-adepta-das-novas-tecnologias=f17064>

Notícias Sapo.pt: <http://noticias.sapo.pt/lusa/artigo/07b740613d4f7efc7d76b7.html>